

O corpo é a extensão da alma: um olhar foucaultiano sobre a disciplina moral da Igreja Apostólica (da Santa Vó Rosa) 1954-1970

Pablo Henrique Costa Santos¹

RESUMO

A proposta da pesquisa é verificar os discursos doutrinários da igreja Apostólica (da Santa Vó Rosa) e identificar, neles, aspectos que induzem a um poder disciplinar que a instituição exerce através das suas regras morais. Elas funcionam como uma tentativa de controle do corpo frente às tentações pecaminosas que o mundo oferece no tempo do fim. Na doutrina da Igreja Apostólica, o corpo é entendido como a extensão da alma, por isso deve-se discipliná-lo para mantê-lo santificado. Acredita-se que, uma vez o corpo corrompido, logo a alma também o será. A padronização das vestes, dos gestos, dos comportamentos, a escolha da leitura e música adequada, do ambiente não pecaminoso, a ênfase nos males que os vícios e jogos podem proporcionar ao corpo e à alma, entre outros, são algumas normas disciplinares que compõem a forma como os apostólicos mantêm-se santos e diferenciados do “mundo”. Essas regras irradiam de um ponto central, que é a imagem, as meditações e testemunhos deixados pela Santa Vó Rosa, sendo ela uma espécie de figura escatológica, representante de Deus na terra e um exemplo de vida a ser imitado. As análises se darão a partir da perspectiva histórica crítica foucaultiana sobre a composição disciplinar apresentada pela instituição religiosa.

PALAVRAS-CHAVE: Igreja Apostólica. Santa Vó Rosa. Corpo. Disciplinar.

ABSTRACT

The purpose of the research is to verify the doctrinal discourses of the Apostolic Church (of Santa Vó Rosa) and identify in them aspects that induce a disciplinary power that the church exercises. These rules function as an attempt to control the body in the face of the sinful temptations that the world offers at the end time. In the doctrine, the body is understood as the extension of the soul, so it must be disciplined to keep it holy. It is believed that, once the body is corrupted, soon the soul will be. The standardization of dress, gestures, behaviors, choice of reading and proper music, non-sinful environment, emphasis on the evils that addictions and games can provide to body and soul, among others, are some disciplinary norms that make up the way apostolics remain disciplined to be holy and differentiated from the "world." These rules radiate from a central point, which is the image, the meditations and testimonies left by the Santa Vó Rosa, being a kind of eschatological figure, representative of God on earth

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. *Campus Santa Mônica* – Uberlândia. Desenvolve dissertação de mestrado na linha de pesquisa “Política e Imaginário”, onde estuda a escatologia da Igreja Apostólica (da Santa Vó Rosa). E-mail: pmacknamara@yahoo.com.br

and an example of life to be imitated. The analyzes will be based on Foucault's critical historical perspective on the disciplinary composition presented by the religious institution.

KEYWORDS: Apostolic Church. Santa Vó Rosa. Body. Discipline.

Pretende-se, neste artigo, analisar os discursos doutrinários da Igreja Apostólica (da Santa Vó Rosa) com a proposta de identificar em seu imaginário religioso dispositivos de governo declarado e disciplinador dos corpos e das almas dos fiéis. Como em outras instituições religiosas de mesmo espectro, os escritos da Igreja Apostólica (da Santa Vó Rosa), organizados entre 1954 a 1970, em São Paulo, supõem uma indução dos seus membros a um governo hierarquizado, determinista, possuidor de autoridade, de direção e servos, ditado pela corte celestial e seus representantes escolhidos na terra. Tem-se aí a construção de um imaginário religioso, calcado na promessa do Fim dos Tempos, que dará, então, sustentação a tal arranjo doutrinário. O foco, nesta discussão, será principalmente as regras morais impostas pela idealizadora da igreja, Rosa. Tais regras, como tentaremos mostrar, sugerem o controle do corpo e do comportamento para conquistar a salvação. Diante das múltiplas perspectivas de análises possíveis, optou-se pela de matriz foucaultiana, por possibilitar problematizações e fornecer bases conceituais importantes no que tange a questões sobre disciplina, governo (de si e do outro), moral e imaginário.

Os livros que servem como material de divulgação da doutrina da Igreja Apostólica – e que constituirão o *corpus* desta pesquisa – são: 1) *O Evangelho do Reino dos Céus* (1978/ano da edição), assinado pelo Bispo Eurico Mattos Coutinho e a Missionária Odete Mattos Coutinho – a base doutrinal da igreja está contida nesse texto particular, inclusive as regras e os tratados de fé que sustentam o projeto de salvação defendido por ela; 2) *O Espírito Santo de Deus e o Consolador* (1978/ano da edição), também dos mesmos autores: esse livro explica o poder do Espírito Santo e do Consolador

(a Santa Vó Rosa) e mostra os arrebatamentos experimentados por Rosa e as revelações deixadas por ela; 3) *O consolador nos Tempos do Fim* (1989/ano da edição), escrito por Aldo Bertoni e Odete Corrêa Coutinho, livro mais recente, que instrui os fiéis sobre como será o fim dos tempos e sobre como conseguir a salvação através da fé na Santa Vó Rosa e no Santo Irmão Aldo (seu sucessor). Lembramos que esses livros, conforme os argumentos dos autores, teriam sido organizados sob a inspiração da Santa Vó Rosa. Além de tais escritos, serão analisados alguns documentos, que estão disponibilizados no *site*² da igreja, e que também divulgam a doutrina da referida instituição.

A igreja “restaurada” pela Santa Vó Rosa: Igreja Apostólica

A Igreja Apostólica (da Santa Vó Rosa) foi institucionalizada³ em 1954⁴, em São Paulo. Sua sede está situada no bairro Tatuapé, na capital daquele estado.⁵ Inicialmente, foi a partir da pessoa de Rosa (que depois foi santificada), juntamente com a ajuda do casal de pregadores Eurico Mattos Coutinho e Odete Correia Coutinho, que foi possível idealizar e fundar tal denominação religiosa. Rosa esteve na igreja por aproximadamente dezesseis anos, tempo esse que foi exatamente o que os livros da igreja

² www.apostolica.com.br

³ “A Igreja Apostólica é uma organização religiosa, inscrita no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ/MF) sob o nº 62.771.134/0001-63, cujo Estatuto original foi devidamente registrado no Cartório do 3º Ofício de Registro de Títulos e Documentos da Comarca da Capital do Estado de São Paulo, sob o número de ordem 5.226 e 6.570 do livro A-4, 17.762 do livro A-8, 26.633, do livro. A-12, 9.294 (anotado ao anterior), do Registro de Pessoas Jurídicas e tendo seu último Estatuto Social de 28 de agosto de 2015, nos termos do Decreto Federal nº 4.857 de 09 de novembro de 1939, tendo por prática religiosa ‘O Culto Dedicado ao Evangelho do Reino dos Céus’, passando a reger-se doravante por este novo Estatuto Organizacional, nos termos do Código Civil vigente.” Ver em: Estatuto organizacional da Igreja Apostólica. In: *Estatuto* [on-line]. Igreja Apostólica, 02 de Setembro, 2016. São Paulo. [citado em 18 Abr. 2017; 15h:45m]. (p. 2). Disponível em: http://www.apostolica.com.br/sistema/boletins/mostra_boletim_membro.asp

⁴ Estatuto organizacional da Igreja Apostólica. In: *Estatuto* [on-line]. Igreja Apostólica, 02 de Setembro, 2016. São Paulo. [citado em 18 Abr. 2017; 15h:50m]. (p. 2). Disponível em: http://www.apostolica.com.br/sistema/boletins/mostra_boletim_membro.asp

⁵ A Sede da Igreja Apostólica está localizada na Rua Baguari, nº 158 – Tatuapé/ São Paulo – SP. CEP: 03084-900. Ver em: Estatuto organizacional da Igreja Apostólica. In: *Estatuto* [on-line]. Igreja Apostólica, 02 de Setembro, 2016. São Paulo. [citado em 18 Abr. 2017; 15h:50m]. (p. 3). Disponível em: http://www.apostolica.com.br/sistema/boletins/mostra_boletim_membro.asp

dizem ter sido o de seu preparo para realizar sua futura missão de Santa e Espírito Consolador. Essa etapa é determinante para a formulação da doutrina apostólica e também para o que, dentro da igreja, se considera ser o início do fim dos tempos. Durante o preparo, eram constantes os arrebatamentos de Rosa ao céu para receber as revelações divinas e, a partir delas, fundar a nova doutrina, a doutrina apostólica. Quando Rosa faleceu, em 1970, diz-se ter sido apenas o corpo dela que morreu, tendo continuado em espírito seu ministério. E isso através da mediação de seu sobrinho Aldo Bertoni, que foi escolhido por ela para ser seu sucessor, pois tinha as mesmas virtudes e dons dela. Aldo governou a instituição durante quarenta e quatro anos, indo até sua morte, em 05 de maio de 2014. Em seu governo, houve um crescimento significativo da igreja. Com ele, ela deixou de possuir representantes proféticos, passando-se a organizar em torno de cargos com suas devidas responsabilidades⁶.

Em 2014, para manter o funcionamento da igreja, elaborou-se um novo estatuto, composto por cargos e funções de cada membro representante. No dia 29 de agosto de 2014, a Assembleia Geral da Igreja Apostólica reuniu-se na sede para a aprovação desse estatuto e a convocação de um Conselho Deliberativo. Na reunião, contaram “com a presença de 455 (35,6%) membros do Ministério com direito a voto”. O presidente, Pastor José Solyom Filho, “depois de haver orado invocando a benção de Deus Pai e da Santa Vó Rosa, o Santo Consolador”, convocou o Pastor Nilson Bittencourt Cairolli para compor o cargo de secretário. Depois, o Pastor Wagner Ormangi leu as propostas dos Novos Estatutos da igreja e, ao terminar a leitura, o presidente deu início à votação de aprovação do Estatuto. O voto foi feito através de cédulas com a opção de “sim” ou “não”. O resultado da escolha do novo estatuto foi: “95,2% votaram pela aprovação,

⁶ A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na terra e seus fundamentos. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 Out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p. 8). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>

2,3% pela não aprovação, 0,9% votos em branco e 1,6% de votos nulos”. Por fim, deu-se a votação para a ocupação dos cargos do Conselho Deliberativo. O resultado foi: “91,3% votaram pela aprovação; 3,7% pela não aprovação; 3,7% votaram em branco e 1,3% foram votos nulos”⁷. E assim configurou-se o Novo Estatuto e o Conselho Deliberativo⁸.

Com a mudança de governo da instituição, o documento citado a seguir informa que não houve modificação doutrinária, disciplinar ou mesmo das organizações das reuniões da igreja. A Igreja Apostólica é una, ou seja, o que se prega na sua sede, se prega nas demais filiais. Há uma só doutrina para todas as igrejas e o estilo das reuniões são iguais. Não há autorização para mudar as regras instituídas desde sua fundação. Portanto, conserva-se o que foi idealizado por Rosa:

Informamos a todos os apostólicos que nada será modificado em relação ao que o Santo Irmão Aldo, em nome da Santa Vó Rosa, nos ensinou, aconselhou e orientou a respeito da Doutrina; da disciplina e regras de boa conduta; da organização de todo o nosso trabalho; da maneira como são realizadas as Reuniões da Igreja e dos Sacramentos instituídos por Jesus e pela Santa Vó Rosa.

Assim sendo, ninguém está autorizado a tomar quaisquer medidas por iniciativa própria e ninguém tem autorização para fazer reuniões de pessoas que não sejam as Reuniões normais da Igreja, da maneira como sempre foram realizadas, em locais e horários do conhecimento de todos⁹.

Já ao final do governo de Aldo, a igreja era composta por cargos organizacionais. Mas, foi a partir de sua morte, em 2014, que houve a formação de um conselho com seus devidos cargos. O aniversário da

⁷ Ata da Assembleia Geral da Igreja Apostólica realizada em 29 de Agosto de 2014, para apresentação e aprovação do novo estatuto e apresentação e aprovação do Conselho deliberativo da Igreja Apostólica.

⁸ “José Solyom Filho – Presidente; Wagner Ormangi – Vice-Presidente; Nilson Bittencourt Cairolli – 1º Secretário; Efigenia Joventino – 2º Secretário; Orlando Arantes Marques – Conselheiro Financeiro; João Stancey – Conselheiro Administrativo; José Francisco de Paula – Conselheiro Ministerial; Luiz Carlos dos Santos – Conselheiro Patrimonial; Carlos Alberto Trevisan – Conselheiro Contábil.” (Ata da Assembleia Geral da Igreja Apostólica realizada em 29 de Agosto de 2014, para apresentação e aprovação do novo estatuto e apresentação e aprovação do Conselho deliberativo da Igreja Apostólica).

⁹ A fé e a confiança no Santo Irmão Aldo e na Santa Vó Rosa. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 Out. 2016; 13h:22m]. (Autor não citado, p. 1). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20F%C3%89%20E%20A%20COMFIAN%C3%87A%20NO%20SANTO%20IRM%C3%83O%20ALDO%20E%20NA%20SANTA%20V%C3%93%20ROSA.pdf>

instituição não é comemorado no dia do seu reconhecimento em cartório, mas no dia 10 de junho, em homenagem ao nascimento de sua idealizadora, Rosa. É que, conforme se acredita, a “igreja nasceu da Santa Vó Rosa e existe nesta terra pela Sua graça, virtude e poder”¹⁰. A instituição completará 63 anos em 2017. Hoje, de acordo com o documento “*Endereço das filiais – Igreja Apostólica*”¹¹, disponibilizado no site da igreja, a instituição possui cerca de duzentas e noventa e nove filiais, sendo duzentas e noventa e sete no Brasil e duas no exterior: uma em Paradero, Bolívia, e outra em El Soberbio, Argentina. A Igreja Apostólica tem maior número de filiais em São Paulo, seguido pelo Paraná e Mato Grosso do Sul. Para divulgar sua doutrina, são utilizadas cerca de mais de cinquenta emissoras de rádio que transmitem o programa “Hora Milagrosa”, que também pode ser ouvido através do *site* do programa¹². Como já foi exposto, a igreja também possui um *site* onde disponibiliza sua doutrina e informa sobre os horários das reuniões, localidades, possíveis comemorações, boletins, fotografias, regras internas, dentre outros.

Informa-se, pelos organizadores da Igreja Apostólica, que a história da instituição é dividida em duas partes. A primeira, refere-se aos dezesseis anos de preparo de Rosa, entre 1954 a 1970, quando Jesus revelou a ela a doutrina e disciplina da igreja. O segundo momento foi quando Rosa morreu em 1970. Com a morte, diz-se que ela foi coroada como “Espírito Consolador” e anunciada como Santa. Sua santidade foi aceita devido aos inúmeros milagres recebidos pelos membros e divulgados pela instituição. A partir de

¹⁰ A missão da Santa Vó Rosa e de sua igreja na terra. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 Out. 2016; 13h:51m] Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20MISS%C3%83%C6%92O%20DA%20SANTA%20V%C3%83%E2%80%9C%20ROSA%20E%20DE%20SUA%20IGREJA%20NA%20TERRA.pdf>

¹¹ Endereço das congregações atualizado em 17/03/2017. In: *Circulares* [on line]. Igreja Apostólica, 17 de março, 2017. [citado em 18 Abr. 2017; 16h:41m]. Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/sistema/pdf/CADERNO%20DE%20ENDERE%C3%83%E2%80%A1O%20ATUALIZADO%20EM%2017-03-2017.pdf>

¹² www.horamilagrosa.org

então, o sobrinho de Rosa, Aldo Bertoni, passou a ser o profeta e representou sua tia, pois ele, através dela, passou a receber as ordens da corte celestial¹³.

Como já foi dito, nesta pesquisa o foco será dado ao primeiro momento de constituição da doutrina, entre 1954 a 1970, pois trata-se do período de elaboração de seus discursos. Daremos ênfase ao tempo em que o evangelho apostólico foi elaborado através de sua principal figura escatológica, a Santa Vó Rosa.

A “coroação” de Rosa como Espírito Consolador

Sobre o posto ocupado pela Santa Vó Rosa na hierarquia divina, sua santidade é explicada pelo fato de ter ela passado por experiências espirituais que lhe davam a condição de “porta-voz” de Deus. Durante dezesseis anos, segundo os textos de evangelização da igreja, ela fora constantemente arrebatada ao Céu a fim de aprender o que era benéfico e transmiti-lo aos seus fiéis, pois “sabia resolver todos os problemas, sem falhas”¹⁴. Jesus usava o corpo de Rosa para falar ao Bispo Eurico e à Missionária Odete sobre o futuro da Igreja: “Jesus se manifestou à Santa Vó Rosa, de forma que Ela teve a oportunidade de ver a pessoa de Jesus em vida do corpo, falava com ele e ao mesmo tempo tinha respostas do que precisava, porque, Ele falava com Ela e assim dirigia a Igreja Apostólica”¹⁵.

¹³ Comemoração do dia do Consolador. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 23 de Outubro, 2014. [citado em 25 Out. 2016; 19h:45m]. (BERTONI, Aldo, p. 2). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20COMEMORA%C3%87%C3%83O%20DO%20DIA%20DO%20CONSOLADOR.pdf>

¹⁴ Curso de aperfeiçoamento de pastores e pregadores. Título: *O Sucessor do Consolador* – Um Ministério de Glória nós recebemos do Irmão Aldo e da Santa Vó Rosa, porém veio de Jesus. (Data não citada). Avulso. Disponível em: <http://www.acordapovoapostolico.com/CartilhaAB.PDF>. Acesso em: 17/03/2017 às 00h:05m.

¹⁵ Curso de aperfeiçoamento de pastores e pregadores. Título: *O Sucessor do Consolador* – Um Ministério de Glória nós recebemos do Irmão Aldo e da Santa Vó Rosa, porém veio de Jesus. (Data não citada, p. 7). Avulso. Disponível em: <http://www.acordapovoapostolico.com/CartilhaAB.PDF>. Acesso em: 17/03/2017 às 00h:05m.

Figuras 1 e 2: Rosa em dois momentos.



Fonte: *Blog Avante povo apostólico* e página do *Facebook Origem da Igreja Apostólica*¹⁶

No momento em que a Santa Vó Rosa começa a ter tais experiências, ter-se-ia o que a Igreja Apostólica divulga como sendo “o tempo do preparo do fim”: “De acordo com nossa doutrina apostólica, a chamada vinda de Cristo teve início quando Ele pessoalmente manifestou-se à Santa Vó Rosa, para prepará-la a fim de ser o outro Consolador e para restaurar sua verdadeira Igreja na terra” (BERTONI; COUTINHO, 1989, p. 5). Informa-se que foi a partir das revelações de Rosa e o desenvolvimento da doutrina que se iniciou o tempo de preparação para o Juízo divino.

Ancorando-se em representações e símbolos próprios do mundo judaico-cristão, especialmente os atinentes ao domínio profético e apocalíptico, que exploram o sentimento de espera do Juízo Final, a Igreja Apostólica (da Santa Vó Rosa) tem como crença principal a ideia da volta de

¹⁶ Imagem 2: Disponível em http://avanteapostolico.blogspot.com.br/2012_07_01_archive.html. Acesso em: 12/06/2016 às 15h:14m.
Imagem 3: Disponível em: <https://www.facebook.com/813617685325904/photos/a.813858161968523.1073741828.813617685325904/908371829183822/?type=3&theater>. Acesso em 12/06/2016 às 16h:15m.

Cristo acompanhado da Santa Vó Rosa. Rosa assume com a nomeação de “Espírito Consolador dos Tempos do Fim” o lugar de sucessora de Cristo na promessa contida no Evangelho de João de um outro “Consolador” a ser enviado por Deus. Com isso, insinua-se um jogo interpretativo da parte dos discursos doutrinários da Igreja em questão para com o texto bíblico, na medida em que eles partem de representações e símbolos deste para a justificação do lugar de iminência da figura da Santa Vó Rosa em sua doutrina.

A promessa de Jesus de enviar o outro “Consolador” e de restaurar seus ensinamentos através desse espírito que consola as dores da humanidade no período que precede o fim dos tempos pode ser verificada no Evangelho de João (14.12-26; 15.26-27; 16.7-13). Citamos este excerto do texto bíblico, que bem ilustra os sentidos evocados:

12. Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas; porque eu vou para meu Pai.
13. E tudo quando pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho.
14. Se pedirdes alguma *coisa* em meu nome, eu o farei.
15. Se me amardes, guardareis os meus mandamentos.
16. *E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre.*
17. O Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós.
18. Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós.
19. Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais, mas vós me vereis; porque eu vivo, e vós vivereis.
20. Naquele dia, conhecereis que *estou* em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós.
21. Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele.
22. Disse-lhe Judas (não o Iscariotes): Senhor, de onde vem que te hás de manifestar a nós, e não ao mundo?
23. Jesus respondeu, e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada.
24. Quem não me ama, não guarda as minhas palavras; ora, a palavra que ouvistes não é minha, mas do Pai, que me enviou.
25. Tenho-vos dito isto, estando convosco.

26. *Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.*

(...)

26. *Mas, quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar, aquele Espírito da verdade, que procede do Pai, ele testificará de mim.*

27. E vós também testificareis, pois estivestes comigo desde o princípio.

(...)

7. *Todavia, digo-vos a verdade, que vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for, enviar-vo-lo-ei.*

8. E, quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo:

9. Do pecado, porque não crêem em mim;

10. Da justiça, porque vou para meu Pai, e não me vereis mais;

11. E do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado.

12. Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora.

13. Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir [grifos nossos]¹⁷.

Nesse fragmento, Jesus divulga suas últimas instruções aos seus discípulos, “explica” a razão de sua saída do mundo terreno e anuncia a promessa do Consolador, o espírito da verdade que virá convencer “o mundo do pecado, e da justiça, e do juízo”. Porém, ele deixa incógnito quem seria esse “Consolador”, brecha que será, então, explorada pela doutrina apostólica na formação de seu imaginário religioso, colocando, como dissemos, a Santa Vó Rosa nesse lugar. Basta ver pelo fragmento abaixo, como até uma gênese de todo processo dessa figura da santa se dá, com a indicação, inclusive, do seu sucessor no processo de salvação que ela orienta:

No final do século XIX, nasceu uma menina que foi escolhida e predestinada por Deus desde o ventre de Sua mãe; ungida pelo Espírito Santo e recebeu todos os seus dons. Abençoada por Jesus e pela Virgem Maria, esta menina recebeu o nome de “Rosa”, e pelos desígnios e vontade soberana de Deus, nascia com a missão de revelar ao mundo a vontade e os planos de Deus para o “Tempo da Regeneração”. Também com a missão de revelar Jesus, formar a sua Igreja, organizar seu povo, preparar o Pastor que iria tomar conta do seu rebanho e ser a grande

¹⁷ JO, 1997, 14. 12-26; 15. 26-27; 16. 7-13.

vencedora, o “Espírito Consolador”, da preciosa promessa de Jesus o Salvador¹⁸.

Temos, então, além das supostas experiências com o sagrado vivenciadas pela Santa Vó Rosa – no que elas apresentam de retórico na configuração de uma “política” dos corpos e das almas¹⁹ para a obtenção, por parte dos fiéis, de uma experiência próxima da mesma natureza –, a apropriação de tropos fundadores do texto público na conformação da imagem de Rosa como santa. Por essa articulação, as doutrinas e os regulamentos da Igreja Apostólica fundamentam-se na relação estabelecida entre a morte da referida Santa (sua elevação definitiva), a vinda do Salvador e o “fim dos tempos” para a conformação de um corpo único (o da igreja):

A providência divina para o início do tempo do fim já foi tomada por Deus nosso Pai, e Ele assim o fez quando pôde tomar conta definitivamente da Santa Vó Rosa e a colocou nesta Igreja Apostólica, a qual estava então em período de organização, por volta do ano de 1955. Tendo esperança de fazer dela o Espírito Consolador prometido por Jesus em seu evangelho, e assim formar o seu povo, a sua Igreja, na qual ajuntaria todos os que cressem na vinda do Consolador, a fim de prepará-los para a consumação de seu juízo; nosso Pai iniciou esse seu juízo; nosso Pai iniciou esse preparo usando para tal o seu filho Jesus e começou assim o chamado **período do fim** (BERTONI; COUTINHO, 1989, p. 3).

Podemos perceber nesse imaginário calcado na promessa da vinda de Cristo e do Espírito Consolador, construído pela igreja, a perspectiva de que a vida no presente deve ser tomada como etapa de preparação para o futuro glorioso prometido. O presente é visto como tempo de “plantar”, mas de um “plântio” que supõe o sofrimento com vistas a uma posterior recompensa. Tal sofrimento implica na obediência da disciplina da igreja: o controle do

¹⁸ A origem da Igreja Apostólica, o início das suas atividades na terra e seus fundamentos. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica (data não citada). [citado em 26 Out. 2016; 14h:00m]. (Autor não citado, p. 1). Disponível em: <http://www.apostolica.com.br/imagens/boletins/A%20ORIGEM%20DA%20IGREJA%20APOSTOLICA,%20O%20INICIO%20DAS%20SUAS%20ATIVIDADES%20NA%20TERRA%20.pdf>

¹⁹ Aqui a alma é associada ao espírito que habita o corpo santo: “Ensinamos a finalidade do corpo humano, para que foi criado e para que serve, e como deve ser santificado e honrado por ser habitação do Espírito”. (COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 37)

corpo, das atitudes, das vestimentas, das formas de absorver a cultura e especialmente de se relacionar socialmente. Todo esse rigor religioso pode ser associado ao regime disciplinar explicado por Judith Revel, a partir de Foucault:

O “regime disciplinar” caracteriza-se por um certo número de técnicas de coerção que exercem um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que atingem particularmente as atitudes, os gestos, os corpos: “Técnicas de individualização do poder. Como vigiar alguém, como controlar sua conduta, seu comportamento, suas atitudes, como colocá-lo no lugar onde ele será mais útil”. O discurso da disciplina é estranho à lei ou à regra jurídica derivada da soberania: ela produz um discurso sobre a regra natural, isto é, sobre a norma (REVEL, 2005, p. 35).

Há, em contrapartida, uma visão otimista em relação ao futuro. Se o presente é visto como o momento de preparo para o fim, no futuro (situado num tempo posterior a esse “fim”) estaria a recompensa: o gozo espiritual e a conquista eterna do galardão celestial. Sendo assim, “aquele, pois, que sofreu na carne, vivendo para o Reino do Céu, já cessou do pecado, indo para o céu, fica com o Pai e seus santos; torna-se incorruptível e por isso não há mais que falar em pecado” (COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 51).

A colocação de Rosa como “Santa de grande poder” e “Espírito Consolador” compõe, portanto, toda a construção escatológica da doutrina apostólica, sendo Rosa a sua principal figura. Suas revelações deram espaço à doutrina apostólica atrelada à regras morais disciplinadoras, sempre afirmadas como um regulamento advindo de ordens diretas do céu e não uma criação humana. Contudo, a análise que desenvolveremos a seguir permite perceber como essas normas configuram uma política dos corpos e das almas sob a ameaça de um fim sempre próximo, gerenciados por um governo muito semelhante às práticas sociais da época em que foram criadas. Rosa construiu através de seus arrebatamentos e revelações, um jogo político de enunciados, onde a modulação do tempo, o controle do corpo, do prazer e da liberdade compõem o projeto de salvação. São dispositivos de

poder para uma melhor administração dos seguidores através de uma alegada “doutrina perfeita”: a apostólica.

As regras morais para a santificação do corpo e alma

Há, na Igreja Apostólica (da Santa Vó Rosa), pouca flexibilidade em relação aos costumes, principalmente devido a uma disciplina altamente temerária ao escândalo: “A disciplina justa e sensata não tolhe a liberdade dentro dos limites estabelecidos por Deus, mas evita os excessos, a iniquidade e o escândalo. Por esse motivo, sem disciplina não há moralização dos costumes nem se dá a purificação da alma” (COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 162-163). O corpo é visto como instrumento do pecado e pode corromper a alma, portanto é preciso santificá-lo. Para alcançar o reino dos céus é preciso controlá-lo através da disciplina: o controle das vestimentas, dos estilos, normalização do prazer, e dos comportamentos (aprendizado dos gestos): “a liberdade ampla e ilimitada do mundo pode parecer boa aos olhos de muitos, mas fere o moral da santa doutrina” (idem, ibidem, p. 162).

Para analisar a disciplina apostólica, vê-se nas análises de Michel Foucault uma alternativa teórica. É preciso deixar claro que Foucault direciona seus estudos sobre disciplinamento dos corpos, mais especificamente, à organização militar, aos colégios, às escolas primárias, ao espaço hospitalar e também às instituições religiosas. Na Igreja Apostólica (da Santa Vó Rosa), as atitudes, os gestos, os comportamentos, as vestes se originam de uma retórica corporal da honra – que é evocada com muita frequência –, e propõem fazer o ser apostólico diferente – o povo de Deus, separado, reconhecível de longe por sua indumentária – do “mundo” exterior.

Em *Microfísica do Poder*, Foucault tece importantes esclarecimentos sobre o *poder*²⁰ disciplinar enquanto “adestrador” e “fabricador” de indivíduos. Conforme observamos, esse aspecto aparece claramente nas regras que a Igreja Apostólica estabelece como parâmetros para os fiéis. Trata-se de regras que evidenciam seu poder. Entende-se por *poder*, ao modo foucaultiano, como multiplicidade de correlações de forças. Desse modo esses discursos religiosos são calculados e inscritos não só por meio de mecanismos de repressão e de exclusão, mas também aparecem como produtores de saberes e positivities. Também a disciplina da igreja busca diferenciar o modo de ser dos fiéis dos que estão fora, ela procura adestrar e fabricar sujeitos diferentes dos outros. A criação de uma hierarquia divina, assim como de normas específicas, combinado ao exame daqueles que compartilharam das regras são instrumentos indicadores do poder disciplinar:

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até as singularidades necessárias e suficientes. “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais – pequenas cédulas separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um poder triunfante que, a partir de seu próprio excesso, pode-se fiar em seu superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se os compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos do Estado. E são eles justamente que vão pouco a pouco invadir essas formas maiores, modificar-lhes os mecanismos e impor-lhes seus processos. O aparelho judiciário não escapará a essa invasão, malsecreta. O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação

num procedimento que lhe é específico, o exame (FOUCAULT, 2015, p. 167).

O corpo, assim, é submetido a uma “maquinaria calculada” de discursos voltados para sua correção/controle, para que não corrompa a alma: ajusta-se as posturas, automatiza-se os hábitos, padroniza-se as vestes, impõe-se obrigações, proibições e limitações. Pretende-se um jogo político de enunciados articulados para promover uma fisionomia corpórea santificada/virtuosa e, assim, o corpo torna-se uma “anatomia política”. O corpo, alvo de poder, também nos textos da Igreja Apostólica, é manipulado, treinado, regulado, corrigido, responde a múltiplas ações/efeitos dentro e fora do espaço religioso. É trabalhado detalhadamente, é utilizável, inteligível, manipulável, analisável, esquadrinhado; podendo ser transformado e aperfeiçoado, mostra-se potencialmente dócil: “a disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’” (FOUCAULT, 2014, p. 135).

O livro *O Evangelho do Reino dos Céus* estabelece regras para diversos comportamentos e situações, tendo como parâmetro sempre o modelo tomado à imagem da Santa Vó Rosa. O não cumprimento dessas regras corromperia o corpo e a alma, prejudicando a salvação. Vê-se, nesse conjunto de regras fundamentadas na ameaça de condenação no dia do fim dos tempos, uma tentativa de “governo” da vida individual e coletiva dos fiéis. Os sentimentos de medo, de angústia e de culpa imporiam um senso de dever perante essas regras. Segundo esses escritos, o mal tem uma aparência que pode ser evitada através da disciplina apostólica, pois esta sugere uma fisionomia do bem. Num rápido mapeamento desses textos, percebe-se essa tentativa de “governo” em relação a muitos aspectos. Por exemplo: segundo o que se afirma em *O Evangelho do Reino dos Céus*, assim deveriam se vestir as mulheres e os homens da Igreja Apostólica:

Em relação ao porte das mulheres, por exemplo, seus vestidos devem ser de comprimento tal que passe dois dedos para baixo do meio da barriga

das pernas; e as meninas, menores de dez anos, devem usar os vestidos ou saias cobrindo os joelhos.

Igualmente não devem ser decotados, cavados e nem muito justos, pois não convém às filhas de Deus expor seu corpo à cobiça.

Também não devem usar cabelos extravagantes, nem joias desnecessárias, e, nem pinturas no rosto.

Os homens, semelhantemente, devem trajar-se de maneira modesta, evitando os trajos extravagantes, bem como as modas afeminadas e os cabelos e costeletas compridos. (COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 161-162)

No trecho acima, percebe-se um discurso disciplinar, pois vê-se como as regras determinam o vestuário feminino e masculino. Define-se milimetricamente o cumprimento das vestes e cabelos. O corpo, especialmente o feminino, deve ser coberto para que tenha uma fisionomia santificada, portanto evita-se roupas decotadas, cavadas e justas. É preciso cobri-lo para que seja incorruptível, pois é considerado santo. A fisionomia corpórea é modificada e padronizada. Calcula-se as medidas para não chegar à extremidades. Os padrões de feminilidade e masculinidade são também determinados, o traje masculino deve ser oposto ao que é considerado feminino, pois é preciso evitar as “modas afeminadas”. Caso haja aparências não enquadradas nessas regras, podem ser entendidas como uma imagem do mal e excluídas.

Nos anos que sucederam à organização da Igreja Apostólica (1954 a 1970), ou seja, os dezesseis anos em que a Santa Vó Rosa estava sendo preparada para ser o “outro Consolador”, surgiu o movimento da contracultura no Brasil, onde a busca da contestação social frente ao conservadorismo da época movia as pessoas a transformarem seus valores e estilos. A doutrina apostólica encarou esse movimento como prejuízo moral, pois entendia que ele feria os princípios da família, especialmente com a criação da minissaia. O movimento *hippie* sugeriu um estilo de vida que promovia a mudança do corpo e do modo de vestir, permitindo que as aparências de feminilidade e masculinidade fossem desconstruídas frente ao padrão delimitado pela igreja, que via o movimento com maus olhos por não estar de acordo com o que a doutrina considera o que era masculino e feminino. Antes de surgir a minissaia, Rosa previu o surgimento da moda das saias curtas e, imediatamente, ela impôs regras sobre as vestes para os homens e mulheres. Esta foi, aliás, a última medida de Rosa, pouco antes da sua morte, ocorrida em 26 de outubro de 1970:

Foi na década de 1960, que o mundo descambou para a imoralidade e costumes que trouxeram grande prejuízo moral e que atingiu principalmente a família. Foi neste período que surgiu a mini-saia, os cabelos longos e roupas extravagantes para os homens e que a maioria dos povos aceitaram, mas a nossa Igreja foi a única que não se dobrou diante destas modas e da mini-saia até hoje.

Entretanto, meses antes que surgisse a mini-saia, Jesus avisou a Santa Vó Rosa e mandou que o Bispo avisasse numa Santa Comunhão o seguinte: “de hoje em diante, as meninas até os nove anos, deverão usar os vestidos cobrindo os joelhos e as mulheres seus vestidos e saias deverão ter o comprimento, passando dois dedos do meio da barriga das pernas”. E meses depois foi lançada no mundo a mini-saia. Foi uma época desastrosa para o mundo, que levou milhões de almas a se afastarem de Deus e de Jesus, e que cooperou para a queda da fé, do respeito, do amor ao bem e a justiça.

Mas o pulso firme e forte da Santa Vó Rosa, Sua autoridade e poder, impediu que nossa Igreja fosse vencida pelo pecado. Para as visitantes, tempos depois, devido o abuso de mulheres que vinham na Igreja, pelas primeiras vezes, Ela deu a ordem que quem viesse pela primeira vez, cobrissem os joelhos. Porém, como começou haver problemas em relação aos visitantes, que não estavam querendo obedecer, e a infiltração de pessoas que queriam criar problemas nas reuniões, Ela por ordem de Jesus deu uma nova ordem em relação aos visitantes: só poderiam entrar e participar das reuniões os que viessem em ordem de acordo com a nossa disciplina.

Esta ordem era também para os homens. Foi a última medida da Santa Vó Rosa. Entretanto, foi dada no domingo dia 25 de outubro de 1970 e na segunda-feira dia 26 de outubro, Ela dava-se em sacrifício para salvar a Igreja da corrupção e do grande perigo de idéias erradas e más que dominavam alguns corações e que poderiam levar a Igreja ao esfacelamento e a divisão.²¹

No mesmo livro, define-se como deve ser o casamento:

“Daí estabelecer que, no seu reino, ou seja, na sua igreja, o homem só poderia casar-se com mulher da mesma fé; era proibido, sob pena de expulsão ou exclusão, ir buscar mulher no meio de outros povos, quais não lhe obedeciam e nem eram por Ele dirigidos”. (COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 91-92)

Pode-se perceber, nesse trecho, além da regra de que o apostólico só deve se casar com mulher da mesma igreja (e o sentido latente de que a ele é

²¹ A Santa Vó Rosa foi a herdeira de todos os dons, virtudes e poder de Jesus nosso Senhor para trazer a nova revelação. In: *Doutrina* [on-line]. Igreja Apostólica, 16 de Julho, 2010. [citado em 25 Out. 2016; 18h:10m]. (BERTONI, Aldo, p. 13-14). Disponível em: http://www.apostolica.com.br/sistema/reflexao_view.asp?ID=223

dado o poder da escolha), o modo como devem ser tomadas as relações com “outros povos”. Assim, a igreja estabelece a reserva de seu território doutrinário e as fronteiras que delimitam a exclusão ou inclusão de uns e outros. Interessante, ainda, é o trecho seguinte, em que vemos o nível de alcance essa tentativa de controle ²² da vida dos fiéis. Nele se estabelece até o horário máximo no qual os noivos poderiam ficar namorando: “Assim mesmo devem respeitar a casa, e os pais e a família, não podendo exceder-se no horário pois até 21:00 horas está bom” (COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 92). Percebe-se aqui o controle do tempo, impõe-se horários considerados sadios para não ferir a moral familiar.

Sobre evitar escândalos:

Digamos que o apostólico precise tomar café num bar, e seja servido num copo; mas chegue ali alguém que possa escandalizar-se pensando seja bebida forte. Ora, é melhor para si não tomar mais café assim, do que ferir a consciência do outro.

Quem se preza precisa ver com quem anda. O apostólico bem firme na fé, poderia andar com certa pessoa cujo traje seja diferente, sem se contaminar; mas, se alguém vê-los juntos poderá escandalizar-se. Então não ande. (idem; ibidem, 1978a, p. 163)

Nesse trecho, a disciplina propõe que o fiel vigie a si próprio(a) para que não crie mal entendido em relação ao outro(a) e não se dê margem para que esses se escandalizem, seja em uma mesa de bar ou por ser visto(a) acompanhado(a) de pessoa que esteja fora da “sã doutrina”. O vigiar-se já faz parte de um estado disciplinar interiorizado no comportamento. Portanto, busca-se disciplinar o comportamento e o modo de convivência dos fiéis com o “mundo” exterior. É importante notar nesse trecho sobre como o apostólico ocupa um lugar de santidade, que está em constante aperfeiçoamento, ao ponto de não deixar-se contaminar com a presença do

²² A ideia de controle social, em Foucault, perpassa por vários poderes: a justiça, a medicina, a psiquiatria, pedagogia, a gestão dos corpos, entre outras. “O controle é essencialmente uma economia do poder que gerencia a sociedade em função de modelos normativos integrados num aparelho de Estado centralizado –; mas, de outro, trata-se igualmente de tornar o poder capilar, isto é, de instalar um sistema de individualização que se destina a modelar cada indivíduo e a gerir sua existência” (REVEL, 2005, p. 30).

outro que está fora. Sobre o desejo dos apostólicos de quererem se vestir como o “mundo”, afirma-se:

Há muita gente que se escandaliza ao ver o porte dos outros, mormente em se tratando de religiosos; e, acontece também que o luxo, assim como a vaidade, prejudica a santificação e a salvação da alma.

Por isso, em nome da Santa Vó Rosa, recomendamos a simplicidade no vestir, no pentear, no andar, enfim, na apresentação e em toda a maneira de viver. (COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 163)

Em meio à proibição, logo o desejo de experimentar o proibido é despertado e o apostólico pode corromper-se ao compartilhar da vaidade alheia. Assim, a disciplina propõe que os apostólicos sejam simples em sua maneira de viver, opondo-se às igrejas que abrem suas regras à indústria da moda. Também, sugerem os gestos como o modo de pentear e andar.

Sobre o corte de cabelo e ainda sobre as roupas femininas:

Por exemplo: O cabelo feminino cortado bem curto, se não escandalizasse ninguém e não contrariasse a santa doutrina, não faria mal. Todavia, como escandaliza e mancha sua alma, marcando-a como filha das trevas, não convém.

Por caridade aos outros e amor à sua própria vida e ao reino de Deus, deixe a mulher crescer o cabelo, e se quiser o conserve do seguinte comprimento: Dois dedos para baixo do pescoço ou dos ombros.

O mesmo acontece com a cava sem manga e o decote do vestido. Por caridade, use pelo menos uma manguinha pelo meio do ante-braço. Para as mais idosas é decente usar meia manga ou manga comprida. (idem; ibidem, p. 163-4)

Como já foi dito, a fisionomia humana que se apresenta oposta ao que é delimitado pela disciplina é vista como a expressão do mal. Supõe-se que o corte de cabelo curto é entendido como uma apropriação da imagem masculina, portanto pode escandalizar a doutrina e manchar a alma. A mulher que corta o cabelo curto pode se tornar uma “filha das trevas”. Ainda no trecho, além de definir o comprimento dos cabelos, “dois dedos para baixo do pescoço ou dos ombros”, pede-se para que “deixe a mulher crescer o cabelo”, ou seja, é preciso da permissão de outrem para que a mulher possa

alterar seu semblante. Aqui a mulher não decide sobre si mesma, mas deixa-se para o outro decidir por si. Seu corpo agora, além de ser esculpido pela disciplina, passa-se pelo governo de outro que também se disciplina e disciplina a outrem; ou seja, há aqui uma dupla coerção corpórea.

Como outras formas de disciplinar os comportamentos, têm-se o estabelecimento de normas também sobre os jogos: “Os jogos, por exemplo, são terríveis. O espírito das trevas é quem domina, de modo que sugere a um a mentira, a outro a falsidade e o roubo; ele dá a desconfiança e a raiva, e alimenta o desejo de vingança” (COUTINHO; COUTINHO, 1978a, p. 167); as diversões: “As diversões que o mundo oferece proporcionam uma paz que não é paz; são uma ilusão, porque se o homem viver, por exemplo, 80 anos e gozar neste mundo conforme os prazeres da carne, pensando após túmulo ao tormento do inferno” (idem; ibidem, p. 168); a leitura de outros textos que não os da igreja: “A literatura para os apostólicos deve ser boa, útil e dedicada ao bem; portanto, não é qualquer leitura que serve” (idem; ibidem).

A aceitação da verdade da doutrina da Igreja Apostólica seria o principal meio de condução para a salvação. A confirmação de que essa crença e o cumprimento de normas como as referidas acima conduzirão à salvação no dia do Juízo pode ser observada nesta citação: “Para os que ainda vivem no seu próprio corpo, a salvação inicia-se com a aceitação da verdade, isto é, de Cristo e do Consolador, e desta doutrina” (idem; ibidem, p. 49).

A ideia de ameaça de condenação ao inferno já seria um mecanismo de controle, à medida que impõe pelo medo regras de conduta: “E CONDENAÇÃO é a reprovação divina, com a determinação do castigo e o sofrimento no inferno” (idem; ibidem, p. 49). Há um imaginário sustentando esse conjunto de normas veiculadas e retiradas do discurso normativo, que tem como ponto central a figura da Santa Vó Rosa, modelo de conduta para os fiéis da igreja e, ao mesmo tempo, o “espírito” responsável, juntamente com Jesus, pelo julgamento (a condenação ou a salvação) dos indivíduos.

A figura da Santa Vó Rosa importa, sobretudo, pois a partir dela tem-se um discurso de controle dos corpos, pela dominação de um imaginário calcado na intervenção na noção de temporalidade. O historiador que se depara com esse conjunto de normas percebe-os, na esteira aberta por Michel Foucault, como *dispositivos*²³ de “governo” da vida individual e coletiva dos fiéis, sendo assim, dispositivos de poder. O que essas normas, segundo essa perspectiva, visam é a padronização dos comportamentos e das formas de pensar e sentir com vistas a um melhor gerenciamento da vida individual e coletiva.

Esses dispositivos de controle que incidem sobre as ações humanas, individuais e coletivas, conscientes e inconscientes se dissimulam, gerando, pela opressão, um sentimento de adoração por parte dos fiéis em relação aos que se situam no topo da hierarquia simbólica da igreja.

Foucault, quando se refere aos dispositivos, faz referência a um conjunto de operadores materiais do poder, isto é, às técnicas, às estratégias e às formas de assujeitamento. Concertar-se, especialmente, nos “dispositivos disciplinares”, que visam, pela restrição das condutas, padronizar os comportamentos, sentimentos e pensamentos a fim de que sejam mais facilmente gerenciáveis. No entanto, seguindo as trilhas abertas por Foucault, é necessário pensar no poder não de forma tradicional, como cerceador e repressor, mas sim, como produtor de saber e positivities, e no próprio poder em operação estaria(m) visíveis a(s) resistência(s) (FOUCAULT, 2015).

²³ Para Foucault, inicialmente os dispositivos seriam “os operadores materiais do poder, isto é, as técnicas, as estratégias e as formas de assujeitamento utilizadas pelo poder”. Depois, Foucault trata o dispositivo como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma: o dito e o não-dito. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (REVEL, 2005, p. 39-40)

Referências bibliográficas

A Bíblia sagrada: traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: FECOMEX, 1997.

BERTONI, Aldo; COUTINHO, Odete Corrêa. O consolador nos Tempos do Fim. São Paulo. 1989. Impresso em oficina da própria Igreja Apostólica.

COUTINHO, Eurico Mattos; COUTINHO, Odete Corrêa. O espírito santo de Deus e o consolador. São Paulo. 1978 (b). Impresso em oficina da própria Igreja Apostólica.

_____. O evangelho do reino dos céus. São Paulo. 1978 (a). Impresso em oficina da própria Igreja Apostólica.

FOUCAULT, Michel. Poderes e estratégias (1977). In: FOUCAULT, M. Estratégia, poder-saber. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 (p. 242-252).

_____. Diálogo sobre o poder (1978). In: FOUCAULT, Estratégia, poder-saber. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 (p. 253-266).

_____. A governamentalidade (1978). In: FOUCAULT, Estratégia, poder-saber. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 (p. 223-240).

_____. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

_____. Do governo dos vivos: curso no Collège de France (1979-1980). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

_____. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. História da sexualidade 1: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. Microfísica do poder. Tradução de Roberto Machado. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

REVEL, Judith. Michel Foucault: conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

Recebido em 30 de maio de 2017
Aprovado em 10 de julho de 2017